

NEIL
GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



DEUSES
AMERICANOS*

EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR

intrinsic



NEIL
GAIMAN
DEUSES
AMERICANOS*

Tradução de Leonardo Alves



Copyright © 2011 by Neil Gaiman.
Copyright da edição original © 2001 by Neil Gaiman.

Todos os esforços foram empenhados para localizar e notificar os detentores dos direitos dos materiais reproduzidos neste livro. Quaisquer omissões que forem identificadas serão corrigidas em edições posteriores. Agradecemos a permissão para usar os seguintes materiais neste livro:

Trecho de “The Witch of Coos”, de “Two Witches”, em *The Poetry of Robert Frost*, editado por Edward Connery Lathem. © 1951 by Robert Frost, © 1923, 1969 by Henry Holt and Co. Reproduzido com permissão de Henry Holt and Company, LLC.

“Tango Till They’re Sore”, de Tom Waits. Copyright © 1985 by JALMA Music. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

“Old Friends”, melodia e letra de Stephen Sondheim. Copyright © 1981 Riling Music, Inc. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

“In the Dark with You”, de Greg Brown. Copyright © 1985 by Hacklebarney Music/ ASCAP. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Versos de “in just—”. Copyright 1923, 1951, © 1991 by Administradores do Fundo E.E. Cummings. Copyright © 1976 by George James Firmage, de *Complete Poems 1904–1962*, de E.E. Cummings, editado por George J. Firmage. Usado com permissão da Liveright Publishing Corporation.

“Don’t Let Me Be Misunderstood”, de Bennie Benjamin, Sol Marcus e Gloria Caldwell. © 1964 by Bennie Benjamin Music Inc. © renovado, transferido para WB Music Corp., Bennie Benjamin Music, Inc. e Chris-N-Jen Music. Todos os direitos em nome de Bennie Benjamin Music Inc. administrados por Chappell & Co. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

Trechos de “A segunda vinda” (páginas 427 e 428), de W.B. Yeats, foram retirados de *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, tradução de Paulo Vizioli.

Trechos das epígrafes utilizados em tradução livre.

TÍTULO ORIGINAL
American Gods

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING
E ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 1
ô de casa / Antonio Rhoden

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Rayana Faria
Ulisses Teixeira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Houston Trueblood

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G134d

Gaiman, Neil

Deuses americanos: edição preferida do autor / Neil
Gaiman ; tradução Leonardo Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2016.

576 p. ; 23 cm.

Tradução de: American gods
ISBN 978-85-510-0072-4

1. Ficção americana. I. Alves, Leonardo. II. Título.

16-35678

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para os amigos ausentes,
Kathy Acker e Roger Zelazny,
e todos os pontos no meio.

UMA INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

NÃO SEI COMO é a experiência de ler este livro. Só sei como foi viver a escrita dele.

Eu me mudei para os Estados Unidos em 1992. Algo nasceu, então, num recanto da minha mente. Havia algumas ideias isoladas que eu sabia que eram importantes, mas que não pareciam ter qualquer relação entre si: dois homens que se conhecem em um avião; o carro no gelo; a relevância dos truques com moedas e, sobretudo, os Estados Unidos — aquele lugar estranho e imenso onde eu agora estava morando, e que eu sabia que não compreendia. No entanto, queria compreendê-lo. Mais do que isso: queria descrevê-lo.

Foi durante uma breve estadia na Islândia, em que fiquei observando uma maquete sobre as viagens de Leif Erickson, que tudo se encaixou. Escrevi uma carta para meu agente e minha editora explicando qual seria a história do livro. Anotei “Deuses americanos” no topo da carta, confiante de que chegaria a um título melhor.

Algumas semanas depois, minha editora me enviou um esboço da capa. Era uma estrada com um raio caindo bem no meio, e no alto dizia “Deuses americanos”. Parecia a capa do livro que eu tinha pensado em escrever.

Foi ao mesmo tempo desconcertante e eletrizante ver a capa antes do livro. Eu a pendurei na parede e olhei para ela, intimidado, e qualquer possibilidade de pensar em outro título sumiu para sempre. Aquela era a capa do livro. Aquele era o livro.

Eu só precisava escrevê-lo.

Terminei o primeiro capítulo durante uma viagem de trem de Chicago a San Diego. E continuei viajando, e continuei escrevendo. Dirigi de Minneapolis à Flórida por estradas secundárias, percorrendo caminhos que imaginei que Shadow faria no livro. Eu escrevia e, às vezes, quando empacava, pegava a estrada. Comi *pasties* na Península Superior do Michigan e *hushpuppies* em Cairo, Illinois. Tentei ao máximo não escrever sobre nenhum lugar pelo qual eu não tivesse passado.

Escrevi meu livro em muitos lugares — casas na Flórida, uma cabana em um lago do Wisconsin, um quarto de hotel em Las Vegas.

Minha narrativa acompanhava a jornada de Shadow, e, quando eu não sabia onde ele havia se enfiado, escrevia uma história sobre a “Vinda à América”, e, quando acabava, já tinha descoberto o paradeiro de Shadow, então voltava para ele. Queria escrever duas mil palavras por dia, mas me dava por satisfeito com mil.

Lembro que, ao terminar o primeiro rascunho do livro, falei com Gene Wolfe — o escritor mais sábio que conheço e com mais romances excelentes do que qualquer outro com quem já conversei — que eu achava que finalmente havia aprendido a escrever romances. Ele me encarou e deu um sorriso gentil. “Ninguém aprende a escrever romances”, explicou. “Nós só aprendemos a escrever o romance em que estamos trabalhando.”

Ele tinha razão. Eu havia aprendido a escrever o romance em que estava trabalhando, e mais nada. Contudo, foi um romance bom e estranho de se aprender a escrever. Sempre tive consciência de que a história estava muito aquém do livro lindo, dourado, reluzente e perfeito que havia na minha cabeça, mas, mesmo assim, fiquei feliz.

Deixei a barba crescer e não cortei o cabelo enquanto escrevia este livro, e muitas pessoas me acharam um tanto quanto peculiar (mas não os suecos, que expressaram sua aprovação e me disseram que um de seus reis tinha feito algo muito parecido, só que não por causa de um romance). Raspei a barba após concluir o primeiro rascunho e me livrei do cabelo comprido e impraticável pouco tempo depois.

O segundo rascunho foi, sobretudo, um processo de escavação e esclarecimento. Momentos que precisavam crescer cresceram, e momentos que precisavam encolher encolheram.

Eu queria que o livro fosse uma série de coisas. Queria escrever uma história que fosse grandiosa, excêntrica e sinuosa, e escrevi, e ela era. Queria escrever uma história que incluísse todas as partes dos Estados Unidos pelas quais eu estava obcecado e encantado, que costumavam ser os pedaços que nunca apareciam nos filmes e nas séries de tevê.

Quando terminei o livro e o entreguei, senti certo alento ao lembrar o velho ditado que diz que a melhor forma de definir um romance é como uma prosa longa em que algo deu errado — e eu estava plenamente convencido de que havia escrito um desses.

Minha editora ficou preocupada com o livro que eu tinha entregado, achou que estava um pouco grandioso e sinuoso demais (a parte da excentricidade não a incomodou) e pediu que eu desse uma reduzida, e eu o fiz. Creio que sua intuição estava correta, pois o livro definitivamente fez sucesso — vendeu muitos exemplares e teve a felicidade de vencer alguns prêmios, incluindo o Nebula e o Hugo (como ficção científica, principalmente), o Bram Stoker (como horror) e o Locus (como fantasia), o que demonstrou que se tratava de um romance um bocado excêntrico e que, apesar de muito apreciado, ninguém sabia muito bem em que categoria encaixá-lo.

Mas isso só aconteceria no futuro: primeiro, o livro precisava ser publicado. Eu achava o processo editorial fascinante, então o documentei na internet, em um blog que criei especificamente para este fim (e que existe até hoje). Quando o livro foi publicado, saí em turnê pelos Estados Unidos, depois pelo Reino Unido e pelo Canadá, até enfim voltar para casa. Minha primeira sessão de autógrafos foi em junho de 2001, na Border Books do World Trade Center. Alguns dias depois de eu voltar para casa, em 11 de setembro de 2001, já não existiam mais nem a livraria nem o World Trade Center.

A recepção do livro me surpreendeu.

Eu estava acostumado a contar histórias que as pessoas apreciavam, ou que elas não liam. Nunca havia escrito nada controverso. Mas este livro foi um caso de amor ou ódio. As pessoas que odiaram, mesmo as que gostavam de meus outros trabalhos, odiaram *de verdade*. Algumas reclamaram que o livro não era americano o bastante; outras, que era americano demais; que Shadow não era cativante; que eu não tinha compreendido que a verdadeira religião dos Estados Unidos era o esporte, e por aí vai. Todas eram, sem dúvida, críticas válidas. Mas, no fim das contas, de um modo geral, o livro encontrou seu público. Acho que posso dizer que a maioria das pessoas o amou, e ainda o ama.

Espero que algum dia eu volte àquela história. Afinal, Shadow está dez anos mais velho. E os Estados Unidos também. E os deuses estão esperando.

Neil Gaiman
setembro de 2010

UM COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

O LIVRO QUE está em suas mãos é um pouco diferente da versão publicada nos Estados Unidos em 2001.

Pouco depois do lançamento, Pete Atkins e Peter Schneider, os dois sócios da Hill House Publishers, uma pequena editora (que, infelizmente, não existe mais), negociaram com meus editores dos Estados Unidos uma edição especial de *Deuses americanos*. Enquanto descreviam as maravilhosas inovações planejadas para essa nova edição — algo que se pretendia um milagre da arte da produção de livros —, comecei a me sentir cada vez menos à vontade com o texto que seria usado.

Indaguei, um tanto acanhado, se eles aceitariam utilizar o texto original, sem cortes.

Por acaso, eles aceitaram.

A tarefa se mostrou bem complicada, pois percebi que, claro, *depois* dos cortes que eu tinha feito na primeira versão, fiz também outras correções e mudanças editoriais, muitas das quais tornaram o livro melhor. Portanto, a única maneira de criar um texto definitivo seria comparando minha última versão pré-edição com minha última versão pós-edição, e depois com a versão final impressa (porque eu, cheio de entusiasmo, havia rabisado alterações nas provas de revisão e, com o mesmo entusiasmo, não me preocupei em guardá-las), e, no fim, tomar algumas decisões autorais.

Seria bem trabalhoso. Então tomei a única atitude sensata possível naquelas circunstâncias: enviei uma série de arquivos pesados e dois exemplares do livro (a edição inglesa e a americana) para Pete Atkins, junto com uma lista de erros que eu havia encontrado desde o lançamento, e pedi que ele organizasse tudo. Ele organizou, e de forma excelente. Depois, peguei a versão que Pete havia preparado e também a conferi, consertando, arrumando e às vezes desfazendo cortes que eu fizera por algum motivo que não fosse apenas diminuir o tamanho do livro, até chegar a uma versão final que me deixasse perfeitamente satisfeito (levando em conta que um romance sempre é, como eu talvez já tenha mencionado, uma prosa longa em que algo deu errado).

A Hill House publicou uma edição limitada de cerca de setecentos e cinquenta exemplares (descritos como “um milagre da arte da produção de livros”, e dessa vez não foram eles que disseram isso). Era cara demais. Fico feliz que meus editores tenham aceitado publicar a versão expandida no aniversário de dez anos do lançamento, e com uma tiragem muito maior do que setecentos e cinquenta exemplares, e por um valor bem menor. A versão de *Deuses americanos* que está em suas mãos tem cerca de doze mil palavras a mais do que a que ganhou todos aqueles prêmios, e é a versão da qual mais me orgulho.

Gostaria de agradecer a Jennifer Hershey, que foi a editora original do livro, a Jennifer Brehl, que ajudou a trazer esta nova edição ao mundo, e, acima de tudo, a Pete Atkins, por sua ajuda no preparo deste original.

UMA ADVERTÊNCIA E UM ALERTA PARA OS VIAJANTES

ESTA É UMA obra de ficção, não um guia de viagem. Embora a geografia dos Estados Unidos aqui apresentada não seja totalmente imaginária — é possível visitar muitos dos pontos de referência presentes neste livro, seguir trilhas e mapear roteiros —, tomei certas liberdades. Menos liberdades do que se poderia imaginar, mas mesmo assim liberdades.

Não foi solicitada nem concedida permissão para usar os lugares reais que aparecem nesta história, e imagino que os proprietários de Rock City ou da House on the Rock, ou os caçadores que administram o hotel no centro do país, vão ficar tão perplexos quanto qualquer outra pessoa ao identificar seus imóveis aqui.

Disfarcei a localização de alguns lugares: a cidade de Lakeside, por exemplo, e a fazenda com o freixo a uma hora ao sul de Blacksburg. Você pode procurá-los, se quiser. Pode até encontrá-los.

Ademais, é desnecessário dizer que todas as pessoas desta história, estejam elas vivas, mortas ou em outras condições, são fictícias ou usadas em um contexto fictício. Só os deuses são reais.

Uma questão que sempre me intrigou é o que acontece com os seres fantásticos quando os imigrantes saem de suas terras de origem. Nos Estados Unidos, os irlandeses se lembram das fadas; os noruegueses, dos nisser; os gregos, dos vrykólakas, mas sempre são acontecimentos passados no Velho Mundo. Quando perguntei, certa vez, por que essas criaturas não apareciam na América, meus informantes riram, confusos, e disseram que “eles têm medo de cruzar o oceano, é longe demais”, e observaram que Jesus Cristo e os apóstolos nunca tinham pisado na América.

Richard Dorson, “A Theory for American Folklore”, *American Folklore and the Historian* (University of Chicago Press, 1971)

PARTE UM

—

SOMBRAS

CAPÍTULO
UM

*Os limites de nosso país, senhor? Ora, ao norte
fazemos fronteira com a aurora boreal, ao leste, com
o sol nascente, ao sul, com a procissão dos equinócios,
e ao oeste, com o Dia do Juízo Final.*

The American Joe Miller's Jest Book

SHADOW HAVIA PASSADO três anos na cadeia. Era um homem grande e tinha cara de não-se-meta-comigo, então seu maior problema fora encontrar uma maneira de passar o tempo. Ele se manteve em forma, aprendeu sozinho a fazer truques com moedas e passou muito tempo pensando no quanto amava a esposa.

A melhor parte — para Shadow, talvez a única parte boa — da vida na cadeia era a sensação de alívio. A sensação de que havia mergulhado no abismo e chegado ao fundo do poço. Ele não temia ser derrubado pelo mundo, porque o mundo já o derrubara. Não acordava na cela com uma sensação de pavor; não tinha mais medo do que o amanhã traria, porque o ontem já havia trazido.

Shadow chegou à conclusão de que não importava se a pessoa tinha ou não cometido o crime pelo qual fora condenada. A experiência lá dentro mostrou que todo mundo ali na cadeia tinha algum ressentimento: as autoridades sempre haviam cometido algum equívoco, falado que a pessoa fizera algo que ela não fez — ou que não fez exatamente do jeito que falaram. O importante era que as autoridades haviam vencido.

Percebera isso logo nos primeiros dias, quando tudo, das gírias à comida ruim, era novidade. Apesar da infelicidade e do horror absoluto e esmagador do encarceramento, estava aliviado.

Shadow tentava não falar muito. Mais ou menos no meio do segundo ano, explicou sua teoria para Low Key Lyesmith, seu companheiro de cela.

Low Key, que era um vigarista de Minnesota, abriu seu clássico sorriso com a cicatriz.

— É — concordou. — É verdade. É melhor ainda quando você é condenado à morte. É aí que você se lembra das piadas com os caras que se debatem, sacudindo os pés quando o nó aperta no pescoço, sendo que os amigos sempre diziam que eles só iam bater as botas quando tirassem a corda do pescoço.

— Isso é uma piada? — perguntou Shadow.

— Com certeza. Humor negro. O melhor que há... *pá*, aconteceu o pior. Você tem alguns dias para assimilar, depois pega o trem para ir bailar no ar.

— Quando foi a última vez que enforcaram alguém no estado? — perguntou Shadow.

— Como é que eu vou saber? — Lyesmith sempre raspava o cabelo louro-alaranjado. Dava para ver as linhas de seu crânio. — Se liga numa coisa: o país começou a descambar para o inferno quando pararam de enforcar os caras. Nada de sujeira de corpos podres. Nada de acordos no pé da força.

Shadow deu de ombros. Não via romantismo em penas de morte.

Ele chegou à conclusão de que, para aqueles que não tinham sido condenados à morte, a cadeia era, na melhor das hipóteses, apenas um retiro temporário da vida — e por dois motivos. Primeiro, porque a vida se esgueira para dentro da cadeia. Sempre há lugares que podem ser explorados, mesmo quando o indivíduo é retirado de seu contexto habitual; a vida segue, mesmo se for uma vida escrutinada, uma vida atrás das grades. E, segundo, porque se o detento aguentar firme, algum dia alguém vai ter que soltá-lo.

No começo, esse dia parecia tão remoto que Shadow mal conseguia vislumbrá-lo. Depois, tornou-se um feixe de esperança no horizonte, e ele aprendeu a dizer para si mesmo que “isso também passará” quando acontecia alguma merda na cadeia, porque merdas acontecem o tempo todo na cadeia. Um dia, a porta mágica se abriria, e ele iria embora. Por isso marcava os dias em seu calendário dos *Pássaros da América do Norte*, o único tipo vendido na cadeia — e o sol se punha e ele não via, e o sol nascia de novo e ele não via. Treinava truques com moedas que tinha aprendido em um

livro na biblioteca deserta da cadeia, se exercitava e repassava mentalmente a lista do que ia fazer quando fosse solto.

A lista de Shadow foi ficando cada vez menor com o passar do tempo. Após dois anos, restavam apenas três itens.

Primeiro, ia tomar um banho de banheira. Ficar de molho mesmo, por um bom tempo, um banho de verdade, com bolhas de sabão e tudo. Talvez leria o jornal, talvez não. Em alguns dias pensava que sim, em outros, que não.

Segundo, ia se secar e vestir um roupão. Talvez chinelos. Gostava de se imaginar com eles. Se fumasse, a essa altura estaria fumando um cachimbo, mas ele não fumava. Pegaria a esposa nos braços (“Fofinho!”, gritaria ela, com horror fingido e prazer genuíno, “O que você está *fazendo?*”). Ele a levaria para o quarto e fecharia a porta. Pediriam pizza se ficassem com fome.

Terceiro, depois que ele e Laura saíssem do quarto, quem sabe alguns dias mais tarde, Shadow ia ficar na dele e evitar problemas para o resto da vida.

— E aí você vai ser feliz? — perguntou Low Key Lyesmith.

Naquele dia, estavam trabalhando na oficina da cadeia, montando comedouros para pássaros — algo ligeiramente mais interessante do que gravar placas de carros.

— Não se pode dizer que um homem é feliz até ele estar morto — retrucou Shadow.

— Heródoto — disse Low Key. — Ei, você está aprendendo.

— Que porra é essa de Heródoto? — perguntou Iceman, que encaixava as paredes dos comedouros e os passava para Shadow, que por sua vez colocava os parafusos e os apertava bem.

— Um grego morto — explicou Shadow.

— Minha última namorada era grega — comentou Iceman. — A família dela comia cada merda... Vocês nem imaginam. Tipo arroz embrulhado em folhas. Essas porcarias.

Iceman era da altura e do formato de uma geladeira e tinha olhos azuis e um cabelo tão louro que era quase branco. Ele arreventara um cara que cometera o erro de passar a mão na namorada dele, em um bar em que ela era dançarina e Iceman trabalhava como segurança. Os amigos do cara tinham chamado a polícia, que prendeu Iceman e puxou sua ficha, descobrindo que ele deveria estar cumprindo pena em regime semiaberto e estava foragido fazia dezoito meses.

— E o que é que eu ia fazer? — perguntou Iceman, ofendido, quando contou a trágica história para Shadow. — Eu já tinha dito pro cara que ela era minha namorada. Ia deixar o sujeito me desrespeitar daquele jeito? Hein? Tipo, ele ficou passando a mão nela.

Shadow respondera algo banal, como “Pode crer”, e não tocara mais no assunto. Algo que havia aprendido bem no começo foi que cada um cumpre a própria pena na cadeia. Não é para cumprir a de mais ninguém.

Fique na sua. Cumpra a própria pena.

Lyesmith tinha lhe emprestado uma edição maltratada de *Histórias*, de Heródoto, alguns meses antes.

— Não é chato. É legal — comentou, quando Shadow alegou que não lia livros. — Leia antes e depois me diga se não é bom.

Shadow tinha torcido o nariz, mas começou a ler mesmo assim e, quando viu, não conseguia mais parar.

— Gregos — disse Iceman, com desdém. — E aquilo que falam deles também não é verdade. Tentei comer o rabo da minha namorada, e ela só faltou arrancar meus olhos.

Um dia, sem aviso, Lyesmith foi transferido. Ele deixou para Shadow o exemplar de Heródoto e um punhado de moedas de verdade escondidas entre as páginas: duas de vinte e cinco centavos, uma de um e uma de cinco. Moedas eram proibidas: dava para afiar as bordas com uma pedra e usar para cortar a cara de alguém no meio de uma briga. Shadow não queria uma arma; queria apenas alguma coisa para ocupar suas mãos.

Shadow não era supersticioso. Não acreditava em nada que não pudesse ver. Ainda assim, pressentia um desastre pairando sobre a cadeia naquelas últimas semanas, prenúncio que também sentira nos dias anteriores ao assalto. Estava com uma sensação de vazio no estômago e disse para si mesmo que era só medo de voltar para o mundo lá fora. Mas não tinha certeza. Andava mais paranoico do que o normal — e, na cadeia, o normal já indicava excesso, e a paranoia é fundamental para a sobrevivência. Shadow ficou mais calado, mais sombrio do que nunca. Começou a prestar atenção na linguagem corporal dos guardas e dos outros detentos, em busca de qualquer indício da coisa ruim que ia acontecer, porque ele tinha certeza de que algo ruim ia acontecer.

Um mês antes da data prevista para sua liberação, Shadow estava sentado em uma sala fria, de frente para um homem baixo com uma marca de nascença avermelhada na testa. O homem estava com a ficha de

Shadow aberta na mesa. A caneta em sua mão estava com a ponta bem mastigada.

— Está com frio, Shadow?

— Sim — respondeu ele. — Um pouco.

O homem deu de ombros.

— O sistema é assim. Só ligam as fornalhas no primeiro dia de dezembro. E desligam em primeiro de março. Não sou eu quem cria as regras.

Concluídas as amenidades, ele passou o dedo pela folha de papel na pasta.

— Você tem trinta e dois anos?

— Sim, senhor.

— Parece mais jovem.

— Eu me cuido.

— Aqui diz que você é um detento exemplar.

— Aprendi minha lição, senhor.

— Aprendeu? Aprendeu mesmo?

Ele examinou Shadow com atenção, e a marca de nascença na testa desceu um pouco. Shadow pensou em contar ao homem algumas de suas teorias sobre a cadeia, mas não falou nada. Só assentiu e se esforçou para demonstrar um tom adequado de remorso.

— Aqui diz que você tem uma esposa.

— Ela se chama Laura.

— Como estão as coisas com ela?

— Ótimas. Ela ficou um pouco brava comigo quando fui preso. Mas vinha me visitar sempre que dava... é longe. A gente troca cartas, e eu telefonei quando dá.

— O que sua esposa faz?

— É agente de viagens. Manda as pessoas para o mundo inteiro.

— Como vocês se conheceram?

Shadow não sabia por que o homem tinha perguntado aquilo. Pensou em responder que não era da conta dele, mas disse:

— Ela era a melhor amiga da esposa do meu melhor amigo. Eles marcaram um encontro às cegas pra gente. Nós nos demos bem.

— E você vai ter um emprego quando sair daqui?

— Sim, senhor. Meu amigo, Robbie, esse que eu acabei de mencionar, ele é dono da Muscle Farm, a academia em que eu trabalhava. Ele falou que está segurando a vaga para mim.

Uma sobrancelha se arqueou.

— É mesmo?

— Falou que acha que vai atrair bastante gente. O pessoal das antigas, que me conhecia, e o pessoal forte que quer pegar pesado na malhação.

O homem pareceu satisfeito. Ele mordeu a ponta da caneta e virou a folha de papel.

— O que você pensa sobre seu crime?

Shadow deu de ombros.

— Foi idiotice — respondeu, com sinceridade.

O homem com a marca de nascença suspirou. Riscou alguns itens de uma lista. Depois, folheou os papéis da pasta de Shadow.

— Como vai voltar para casa quando sair? De ônibus?

— Avião. Isso que dá ser casado com uma agente de viagens.

O homem franziu a testa, e a marca de nascença ficou enrugada.

— Ela mandou uma passagem?

— Não precisou. Só mandou um código de confirmação. Bilhete eletrônico. Só preciso chegar ao aeroporto daqui a um mês e mostrar minha identidade, aí vou embora.

O homem assentiu, rabiscou uma última anotação, fechou a pasta e pôs a caneta na mesa. Duas mãos brancas repousaram na mesa cinza, parecendo animais rosados. Ele aproximou as mãos, juntou a ponta dos indicadores e encarou Shadow com olhos castanhos marejados.

— Você tem sorte. Tem alguém para quem voltar, tem um trabalho à sua espera. Vai poder superar tudo isso aqui. Ganhou uma segunda chance. Não a desperdice.

O homem não estendeu a mão para se despedir de Shadow quando se levantou para sair, nem Shadow esperava que ele o fizesse.

A última semana foi a pior. Em alguns aspectos, foi pior do que todos os três anos juntos. Shadow se perguntou se era por causa do clima: pesado, inerte e frio. A sensação era de que havia uma tempestade a caminho, mas ela nunca chegava. Estava tenso e ansioso, com um forte pressentimento de que havia algo muito errado. No pátio de exercícios, o vento soprava com força. Shadow achou que dava para sentir o cheiro de neve no ar.

Ligou a cobrar para a esposa. Shadow sabia que as empresas telefônicas tascavam uma tarifa extra de três dólares em todas as ligações feitas de dentro de uma penitenciária. Concluiu que era por isso que os telefonistas sempre tratavam os detentos com tanta educação: sabiam que eram eles que pagavam seus salários.

— Tem alguma coisa estranha — comentou com Laura.

Essa não foi a primeira coisa que ele disse. A primeira foi “Amo você”, porque é bom falar isso quando é verdade, e, para Shadow, era.

— Oi — disse Laura. — Também amo você. Que coisa?

— Não sei — respondeu ele. — Talvez o clima. Parece que tudo só vai melhorar se cair logo um temporal.

— Aqui está agradável — disse ela. — As últimas folhas ainda não se soltaram das árvores. Se não cair uma tempestade, você vai poder vê-las quando voltar para casa.

— Cinco dias — disse Shadow.

— Cento e vinte horas, e aí você vem para casa — concordou ela.

— Está tudo bem? Nada de errado?

— Tudo tranquilo. Vou ver Robbie hoje à noite. Estamos preparando sua festa surpresa de boas-vindas.

— Festa surpresa?

— Claro. Você não está sabendo de nada, não é?

— Nadinha de nada.

— Esse é o meu marido.

Shadow se deu conta de que estava sorrindo. Já fazia três anos que estava ali, mas ela ainda conseguia fazê-lo sorrir.

— Amo você, gata.

— Amo você, fofinho.

Shadow desligou.

Quando eles se casaram, Laura falou para Shadow que queria um cachorro fofinho, mas o senhorio do prédio tinha avisado que o contrato de aluguel não permitia animais de estimação.

“Ei”, dissera Shadow, “eu vou ser seu cachorro fofinho. O que você quer que eu faça? Roa seu chinelo? Mije no chão da cozinha? Lamba seu nariz? Cheire sua virilha? Aposto que posso fazer tudo que um cachorrinho faz!”

Ele a pegou nos braços como se Laura não pesasse nada e começou a lambe o nariz dela enquanto ela ria e gritava, e em seguida a levou para a cama.

No refeitório, Sam Fetishier se aproximou e abriu um sorriso, mostrando os dentes amarelados. Ele se sentou ao lado de Shadow e começou a comer o macarrão com queijo.

— A gente precisa conversar — disse Sam Fetishier.

Sam Fetishier era um dos homens mais negros que Shadow já vira. Podia ter uns sessenta anos. Ou podia ter uns oitenta. Por outro lado, Shadow já conhecera viciados de trinta anos que pareciam mais velhos do que Sam Fetishier.

— Hã? — disse Shadow.

— Vem uma tempestade por aí — declarou Sam.

— Também acho — concordou Shadow. — Em pouco tempo deve começar a nevar.

— Não esse tipo de tempestade. Estou falando de tempestades maiores do que isso. Acredite em mim, garoto, é melhor você estar aqui dentro do que lá na rua, quando essa tempestade chegar.

— Cumpri minha pena — disse Shadow. — Sexta-feira eu vou embora. Sam Fetishier o encarou.

— Você é de onde?

— Eagle Point. Indiana.

— Seu mentiroso de merda — retrucou Sam Fetishier. — Estou falando da sua origem de verdade. De onde são seus velhos?

— Chicago — disse Shadow.

Sua mãe havia morado em Chicago quando criança, e fora ali que morrera, fazia séculos.

— Já disse. Vem tempestade grande por aí. Fique na sua, garoto. É como... como é que chamam aquelas coisas em que os continentes ficam deslizando? Um tipo de placa?

— Placas tectônicas? — arriscou Shadow.

— Isso. Placas tectônicas. Quando elas se movem, quando a América do Norte desliza para dentro da América do Sul, é bom não estar no meio. Sacou?

— Nem um pouco.

Um olho castanho se fechou devagar.

— Raios, não vá dizer que eu não avisei — disse Sam Fetishier, e enfiou uma colherada trêmula de gelatina laranja na boca.

Shadow passou a noite praticamente em claro, dormindo e acordando várias vezes, ouvindo o novo companheiro de cela resmungar e roncar na cama de baixo do beliche. A algumas celas de distância, um homem gemia, uivava e soluçava feito um animal, e de vez em quando alguém gritava para ele calar a porra da boca. Shadow tentou não escutar. Deixou os minutos vazios escorrerem, solitários, um a um.

Mais dois dias. Quarenta e oito horas, que começaram com mingau de aveia e café e um guarda chamado Wilson dando uma batida mais forte do que o necessário em seu ombro e dizendo:

— Shadow? Vem cá.

Shadow examinou sua consciência. Estava tranquila, embora tivesse descoberto que, na cadeia, isso não significava que não estava em apuros. Os dois homens caminharam mais ou menos um ao lado do outro, os passos ecoando no metal e no concreto.

Shadow sentiu um gosto de medo no fundo da garganta, amargo como café velho. A coisa ruim estava acontecendo...

Uma voz dentro de sua cabeça sussurrava que iam acrescentar mais um ano à sua pena, que iam enfiá-lo na solitária, que iam cortar suas mãos, que iam cortar sua cabeça. Ele disse a si mesmo que tudo isso era idiotice, mas seu coração martelava com força, quase a ponto de arrebentar o peito.

— Não entendo você, Shadow — falou Wilson, enquanto caminhavam.

— Não entende o quê, senhor?

— Você. Você é quieto pra cacete. Educado demais. Você é paciente que nem os caras velhos, mas tem o quê? Vinte e cinco? Vinte e oito?

— Trinta e dois, senhor.

— E você é o quê? Cucaracho? Cigano?

— Não que eu saiba, senhor. Talvez.

— Vai ver tem sangue de preto. Você tem sangue de preto, Shadow?

— Pode ser, senhor.

Shadow continuou de cabeça erguida e olhando para a frente, concentrando-se para não se deixar perturbar por aquele homem.

— É? Bom, só sei que você me assusta pra cacete. — Wilson tinha cabelo louro-amarelado, um rosto amarelado e um sorriso amarelado. — Vai embora daqui a pouco?

— Espero que sim, senhor.

— Você vai voltar. Dá pra ver nos seus olhos. Você é um merda, Shadow. Agora, se dependesse de mim, nenhum desses babacas iguais a você sairia daqui. Jogava vocês num buraco e esquecia.

Masmorras, pensou Shadow, mas não falou nada. Era assim que sobrevivia: não respondia, não falava nada sobre estabilidade na carreira para os guardas do presídio, nem questionava a natureza do arrependimento, da reabilitação ou os índices de reincidência. Não fazia nenhum comentário divertido ou sagaz e, só para garantir, quando conversava com um agente

do presídio, sempre que possível, não falava nada. Só respondia quando lhe perguntavam algo. Cumprir a própria pena. Sair. Voltar para casa. Tomar um banho quente e demorado de banheira. Dizer para Laura que a ama. Recomeçar a vida.

Passaram por algumas guaritas. Wilson mostrou o crachá em todas. Subiram um lance de escada e pararam diante da sala do diretor. Shadow nunca tinha ido ali, mas sabia o que era. O nome do diretor — G. Patterson — estava escrito na porta em letras pretas, e ao lado da porta havia um semáforo em miniatura.

A luz de cima estava vermelha.

Wilson apertou um botão logo abaixo do semáforo.

Ficaram parados ali, em silêncio, por alguns minutos. Shadow tentou se convencer de que estava tudo bem, de que sexta-feira pela manhã estaria no avião a caminho de Eagle Point, mas ele mesmo não acreditava nisso.

A luz vermelha apagou e a verde acendeu, e Wilson abriu a porta. Os dois entraram.

Shadow vira o diretor poucas vezes nos últimos três anos. Em uma das ocasiões, ele tinha passado mostrando as instalações a um político; Shadow não reconhecera o sujeito. Em outra, durante uma operação de confinamento, o diretor tinha falado com os detentos em grupos de cem sobre o fato de o presídio estar superlotado e que, como ia continuar assim, era melhor todo mundo se acostumar. Essa era a primeira vez que Shadow via o homem de perto.

De perto, Patterson parecia pior. O rosto era comprido, e o cabelo grisalho era bem curto, estilo militar. Ele cheirava a desodorante Old Spice. Atrás dele havia uma estante de livros, todos contendo a palavra *prisão* no título; a escrivaninha estava perfeitamente limpa, só com um telefone e um calendário da *Far Side* com folhas destacáveis. Ele usava um aparelho auditivo na orelha direita.

— Por favor, sente-se.

Shadow se sentou, estranhando a civilidade.

Wilson ficou de pé atrás dele.

O diretor abriu uma gaveta da escrivaninha, pegou uma pasta e a colocou sobre a mesa.

— Aqui está escrito que você foi condenado a seis anos por lesão corporal qualificada. Cumpriu três. Estava previsto que você fosse solto na sexta-feira.

Estava? Shadow sentiu o estômago embrulhar. Tentou adivinhar quanto tempo mais teria que cumprir... mais um ano? Dois? Todos os três? Ele só respondeu:

— Sim, senhor.

O diretor umedeceu os lábios.

— O que foi que você disse?

— Eu disse “sim, senhor”.

— Shadow, vamos liberá-lo hoje no fim da tarde. Você vai sair uns dias mais cedo. — O diretor falou isso sem nenhuma alegria, como se estivesse proferindo uma sentença de morte. Shadow assentiu e esperou a pancada. O diretor olhou para a folha de papel à sua frente. — Recebemos isto do Johnson Memorial Hospital de Eagle Point. Sua esposa... Ela morreu nessa madrugada. Acidente de carro. Sinto muito.

Shadow assentiu de novo.

Wilson o acompanhou de volta à cela sem dizer uma palavra. Ele destrancou a porta e deixou Shadow entrar. Então, comentou:

— Parece aquelas piadas do tipo notícia boa e notícia ruim, não é? A notícia boa é que a gente vai soltar você antes da hora, a ruim é que sua esposa morreu.

Ele riu, como se fosse realmente engraçado.

Shadow não falou nada.

Entorpecido, juntou seus pertences e deu vários deles a outras pessoas. Deixou para trás o Heródoto de Low Key e o livro com truques de mágica e, com uma pontada momentânea de angústia, deixou também os discos de metal liso que havia surrupiado da oficina e que, até ganhar as moedas do livro de Low Key, tinham servido para praticar os truques. Ia ver moedas fora da prisão, moedas de verdade. Fez a barba. Vestiu roupas normais. Passou por portas e mais portas, ciente de que nunca mais passaria por elas de novo, com uma sensação de vazio por dentro.

O céu escuro tinha começado a soltar uma pancada de chuva gelada. Pedrinhas de gelo atingiam o rosto de Shadow, e a água encharcou seu casaco fino enquanto ele e os outros prisioneiros liberados partiam do presídio em direção ao ônibus escolar amarelo que os levaria até a cidade mais próxima.

Quando chegaram ao veículo, estavam todos ensopados. Oito homens indo embora, pensou Shadow. Mil e quinhentos continuavam lá dentro.

Ele se sentou e tremeu até o aquecedor começar a funcionar, se perguntando o que estava fazendo, para onde iria.

Sem que ele quisesse, sua cabeça ficou cheia de imagens indesejadas. Em sua imaginação, estava saindo de outra prisão, muito tempo antes.

Ficara encarcerado em um sótão escuro por tempo demais: a barba estava desgrenhada, o cabelo, completamente embolado. Os guardas haviam descido com ele por uma escada de pedra cinza que dava para uma praça repleta de cores, pessoas e objetos. Era dia de feira, e ele ficou atordoado com o barulho e as muitas tonalidades, ofuscado pela luz do sol que banhava a praça, cercado pelo cheiro de maresia e de todas as coisas boas da feira, e a sua esquerda o sol brilhava na água...

O ônibus sacolejou ao parar em um sinal vermelho.

O vento uivava a sua volta, e os limpadores do para-brisa se arrastavam com força de um lado para o outro, transformando a cidade num borrão neon úmido vermelho e amarelo. A tarde estava começando, mas pelo vidro parecia até noite.

— Cacete — disse o homem sentado atrás de Shadow, esfregando o vidro embaçado da janela e olhando para uma silhueta molhada que andava com pressa pela calçada. — Tem mulher lá fora.

Shadow engoliu em seco. Ele se deu conta de que ainda não havia chorado — na verdade, não havia sentido nada. Nenhuma lágrima. Nenhuma dor. Nada.

Ele se pegou pensando em um sujeito chamado Johnnie Larch, seu primeiro companheiro de cela quando entrou na cadeia. O homem contara que uma vez fora liberado depois de passar cinco anos atrás das grades. Tinha cem dólares e uma passagem para Seattle, onde a irmã morava.

Johnnie Larch chegou ao aeroporto e apresentou a passagem para a moça no balcão, e ela pediu para ver a carteira de motorista.

Ele mostrou. Fazia alguns anos que a carteira estava vencida, e ela disse que não servia como documento de identidade. Johnnie disse que podia não servir como carteira de motorista, mas com certeza serviria como identidade, tinha uma foto dele, e os dados, e, droga, quem mais ela achava que ele seria?

A mulher respondeu que agradeceria se ele baixasse o tom de voz.

Johnnie Larch mandou a atendente entregar a porra do cartão de embarque, ou ia se arrependendo, e disse que não aceitaria uma falta de respeito daquelas. Não dava para aceitar falta de respeito na cadeia.

Ela apertou um botão, e alguns instantes depois a segurança do aeroporto apareceu e tentou convencer Johnnie Larch a sair do local sem escândalo, e ele se recusou, e houve uma pequena discussão.

Conclusão: Johnnie Larch nunca chegou a ir para Seattle. Passou os dias seguintes nos bares da cidade e, quando os cem dólares acabaram, assaltou um posto de gasolina com uma arma de brinquedo para arrumar dinheiro e continuar bebendo. No fim, foi detido pela polícia por mijar na rua. Não demorou muito para ele voltar à prisão e ter que cumprir o restante da sentença e ainda mais um pouco pelo ocorrido no posto de gasolina.

E a moral da história, de acordo com Johnnie Larch, era a seguinte: não irrite as pessoas que trabalham nos aeroportos.

— Tem certeza de que não era algo como “certos comportamentos que se mostram adequados em um ambiente específico, como uma cadeia, podem não ser adequados, ou, na verdade, podem ser até nocivos, quando se está fora desse ambiente”? — perguntara Shadow, na época.

— Não, presta atenção no que estou *falando*, cara — dissera Johnnie Larch —, não irrite as vadias dos aeroportos.

Shadow abriu um sorriso tímido com a lembrança. Sua carteira de motorista só venceria dali a alguns meses.

— Rodoviária! Todo mundo pra fora!

O edifício fedia a urina e a cerveja velha. Shadow entrou em um táxi e pediu para o motorista levá-lo até o aeroporto. E disse que daria mais cinco dólares se o homem fizesse o trajeto em silêncio. Chegaram em vinte minutos, e o taxista não abriu a boca.

Shadow enfim se viu perambulando pelo terminal iluminado do aeroporto. Estava preocupado com a questão do bilhete eletrônico. Sabia que tinha uma passagem para um voo na sexta-feira, mas não sabia se poderia usá-la naquele dia. Para ele, tudo que era eletrônico parecia essencialmente mágico e passível de evaporar a qualquer momento. Gostava de coisas que pudessem ser seguradas e tocadas.

Ainda assim, Shadow estava de posse de sua carteira pela primeira vez em três anos, com um punhado de cartões de crédito vencidos e um Visa que descobriu, com agradável surpresa, que só venceria no final de janeiro. Tinha um código de reserva. E percebeu que sabia com absoluta certeza que, assim que voltasse para casa, de alguma forma, tudo ficaria bem de novo. Laura estaria lá, esperando por ele. Talvez aquilo de soltá-lo alguns

dias antes fosse uma pegadinha. Ou talvez tenha sido só uma confusão: o corpo de alguma outra Laura Moon tinha sido retirado dos destroços na estrada.

Shadow viu pelos janelões do aeroporto um relâmpago do lado de fora. Ele se deu conta de que estava prendendo a respiração, esperando por algo. Ouvia o estrondo distante de um trovão. Soltou o ar.

Uma mulher branca com uma expressão cansada olhou para ele do outro lado do balcão.

— Oi — disse Shadow. *Você é a primeira mulher desconhecida com quem falo pessoalmente nos últimos três anos.* — Eu tenho um código de bilhete eletrônico. Ia viajar na sexta-feira, mas preciso ir hoje. Uma pessoa da minha família faleceu.

— Hum. Sinto muito. — Ela digitou no teclado, olhou para a tela, digitou de novo. — Não tem problema. Coloquei você no voo das três e trinta. Talvez atrase por causa da tempestade, então fique de olho nos telões. Vai despachar bagagem?

Ele mostrou a bolsa no ombro.

— Não preciso despachar isto, né?

— Não — respondeu ela. — Não precisa. O senhor tem algum documento de identidade com foto?

Shadow mostrou a carteira de motorista e prometeu à atendente que não estava carregando uma bomba para dentro do avião. Em troca, ela lhe entregou um cartão de embarque impresso. Depois, ele passou pelo detector de metais enquanto colocavam a bolsa na máquina de raios X.

Não era um aeroporto grande, mas ele ficou impressionado com a quantidade de gente circulando, só circulando. Viu as pessoas apoiarem malas no chão tranquilamente, viu carteiras serem enfiadas em bolsos traseiros, viu bolsas serem colocadas com displicência debaixo de cadeiras. Foi aí que se deu conta de que não estava mais na cadeia.

Trinta minutos até a hora do embarque. Shadow comprou uma fatia de pizza e queimou o lábio com o queijo quente. Pegou o troco e foi até um telefone público. Ligou para Robbie, na Muscle Farm, mas caiu na secretária eletrônica.

— Oi, Robbie — disse Shadow. — Falaram que Laura morreu. Fui solto antes da hora. Estou voltando para casa.

Depois, porque as pessoas às vezes se enganam — já tinha visto isso acontecer antes —, Shadow ligou para casa e ouviu a voz de Laura.

“Oi”, disse ela. “Não estou em casa ou não posso atender no momento. Deixe um recado que retorno a ligação. E tenha um *bom dia*.”

Shadow não conseguiu deixar um recado.

Ele se sentou em uma cadeira de plástico perto do portão de embarque e segurou a bolsa com tanta força que a mão doeu.

Estava pensando na primeira vez em que vira Laura. Nem sabia o nome dela, na época. Era amiga de Audrey Burton. Ele estava sentado com Robbie em uma mesa no Chi-Chi’s, e os dois conversavam sobre alguma coisa, provavelmente sobre a saída de uma das professoras da academia, que ia abrir a própria escola de dança, quando Laura entrou mais ou menos um passo atrás de Audrey, e Shadow não conseguiu tirar os olhos dela. Laura tinha cabelo castanho comprido e olhos tão azuis que ele achou que fossem lentes de contato. Ela havia pedido um daiquiri de morango e insistido para que Shadow provasse, e riu com prazer quando ele provou.

Laura adorava quando as pessoas provavam o que ela provava.

Eles trocaram um beijo de boa-noite naquela noite, e ela tinha gosto de daiquiri de morango, e ele nunca mais quis beijar outra pessoa. Uma mulher anunciou o começo do embarque do voo, e a fila de Shadow foi a primeira a ser chamada. Ele ficou bem no fundo do avião, ao lado de um assento vazio. A chuva batia sem parar na lateral da aeronave: imaginou crianças pequenas jogando punhados de ervilhas secas do céu.

Quando o avião decolou, ele pegou no sono.

Shadow se encontrava em um lugar escuro, e a coisa que o observava tinha uma cabeça de búfalo peluda e fedida, com olhos úmidos enormes. O corpo era de um homem, enebado e lustroso.

— Mudanças se aproximam — disse o búfalo, sem mexer os lábios. — Certas decisões precisarão ser tomadas.

Paredes úmidas de uma caverna refletiam a luz de alguma chama.

— Onde estou? — perguntou Shadow.

— Na terra e sob a terra — disse o homem-búfalo. — Você está onde os esquecidos aguardam. — Os olhos da criatura eram como bolas de gude pretas, e a voz era uma trepidação que surgia das profundezas da Terra. Ele tinha cheiro de vaca molhada. — Acredite — disse a voz trepidante. — Para sobreviver, você precisa acreditar.

— Acreditar em quê? — perguntou Shadow. — Em que eu preciso acreditar?

O homem-búfalo olhou para Shadow, e se elevou até as alturas, os olhos se enchendo de fogo. Ele abriu a boca de búfalo salivante, e o interior estava vermelho com as chamas que queimavam dentro dele, sob a terra.

— *Tudo* — rugiu o homem-búfalo.

O mundo se inclinou e girou, e Shadow voltou ao avião, mas a inclinação continuou. Na parte da frente, uma mulher soltou um grito débil.

Relâmpagos irrompiam em clarões intensos em torno da aeronave. O piloto ligou o comunicador para avisar que tentaria subir um pouco para evitar a tempestade.

O avião balançou e tremeu, e Shadow se perguntou, com frieza e indiferença, se iria morrer. Chegou à conclusão de que era possível, mas improvável. Olhou para fora da janela e viu os relâmpagos iluminarem o horizonte.

Depois, cochilou de novo e sonhou que voltara à cadeia, e Low Key tinha sussurrado para ele na fila do refeitório que alguém havia mandado matá-lo, mas que Shadow não tinha como descobrir quem nem por quê. Quando acordou, estavam pousando.

Saiu cambaleando do avião, piscando, sonolento.

Muitos anos antes, percebera que todos os aeroportos são praticamente idênticos. Não importa muito onde seja, é um aeroporto: azulejos e corredores e banheiros, portões e livrarias e lâmpadas fluorescentes. Aquele aeroporto parecia um aeroporto. O problema era que aquele não era o aeroporto onde ele devia estar. Era um aeroporto grande, com gente demais, portões demais.

As pessoas traziam aquele olhar apagado e exausto que só se vê em aeroportos e presídios. *Se o inferno são os outros*, pensou Shadow, *o purgatório são os aeroportos*.

— Com licença, senhora?

A mulher tirou os olhos da prancheta e os voltou para ele.

— Sim?

— Que aeroporto é este?

Ela o encarou, confusa, tentando decidir se ele estava brincando ou não.

— St. Louis — respondeu.

— Achei que esse voo fosse para Eagle Point.

— Era. Ele foi desviado para cá por causa da tempestade. Não avisaram no avião?

— Provavelmente. Eu estava dormindo.

— Você tem que falar com aquele homem ali, de paletó vermelho.

O homem era quase da mesma altura de Shadow: parecia o pai de família de um seriado de comédia dos anos 1970. Ele digitou algo num computador e disse para Shadow correr — *corra!* — até o portão do outro lado do terminal.

Ele correu pelo aeroporto, mas o embarque já havia sido encerrado quando alcançou o portão. Viu o avião se afastar pelo vidro. Depois, explicou o problema à atendente no portão (com um tom calmo, tranquilo e educado), e ela o encaminhou a um balcão de atendimento a passageiros, onde Shadow explicou que estava tentando voltar para casa após um longo período ausente e que sua esposa tinha acabado de falecer em um acidente de carro, e que era extremamente importante que ele fosse para casa *agora*. Não falou nada sobre a cadeia.

A mulher no balcão de atendimento (baixa e morena, com uma ruga na lateral do nariz) consultou outra funcionária e ligou para alguém (“Não, esse voo não dá. Acabou de ser cancelado”), e por fim imprimiu outro cartão de embarque.

— Leve isto até o portão de embarque. Vamos avisar que você está a caminho.

Shadow teve a sensação de ser uma bolinha no truque dos três copos, ou uma carta no meio de um baralho. Mais uma vez correu pelo aeroporto, e acabou quase no mesmo lugar de onde tinha saído.

No portão, um homem baixinho olhou para o cartão de embarque que ele trazia.

— Estávamos esperando o senhor — comentou o sujeito, destacando o canhoto do cartão de embarque, que indicava o assento de Shadow: 17-D. Ele entrou às pressas no avião, e fecharam a porta logo em seguida.

Passou pela primeira classe — havia apenas quatro assentos na área, e três estavam ocupados. O homem barbudo de terno claro ao lado do assento vago sorriu para Shadow quando ele entrou, depois esticou o braço e deu batidinhas no relógio.

Sei, sei, estou fazendo você se atrasar, pensou Shadow. Tomara que essa seja a pior das suas preocupações.

Conforme avançava até o fundo, foi percebendo que o avião estava bem cheio. Na verdade, Shadow logo se deu conta de que estava completamente lotado, e havia uma mulher de meia-idade sentada no 17-D. Shadow lhe mostrou o canhoto do cartão de embarque, e a mulher mostrou o dela: eram iguais.

— O senhor poderia se sentar, por favor? — solicitou a comissária de bordo.

— Não — respondeu —, acho que não. Essa senhora está no meu lugar.

A comissária estalou a língua e conferiu os cartões de embarque. Depois, levou Shadow de volta até o começo do avião e lhe indicou o assento vago na primeira classe.

— Parece que é seu dia de sorte — comentou ela.

Shadow se sentou.

— Gostaria de alguma bebida, senhor? — perguntou a comissária. — Temos algum tempo antes da decolagem, e imagino que o senhor precise, depois de toda essa situação.

— Eu aceito uma cerveja, por favor — disse Shadow. — A que vocês tiverem.

A comissária foi embora.

O homem de terno claro no assento ao lado de Shadow estendeu novamente o braço e bateu no relógio com a unha. Era um Rolex preto.

— Você está atrasado — disse o homem, abrindo um sorriso enorme que não transmitia simpatia nenhuma.

— Como?

— Eu disse que você está atrasado.

A comissária entregou a Shadow o copo de cerveja. Ele tomou um gole. Por um instante, se perguntou se o homem a seu lado não batia muito bem da cabeça, mas então concluiu que ele devia estar se referindo ao avião, que ainda não havia decolado.

— Sinto muito por ter feito você esperar — disse Shadow, educadamente. — Está com pressa?

O avião começou a se preparar para a decolagem. A comissária voltou e apanhou o copo de Shadow, ainda com cerveja. O homem de terno claro sorriu para ela e disse:

— Não se preocupe, vou segurar este copo bem firme.

A comissária deixou que o homem de terno ficasse com o copo de Jack Daniel's, embora tenha protestado, sem muito entusiasmo, que era uma violação das normas da companhia. (“Permita que eu avalie se é o caso, minha querida.”)

— O tempo definitivamente urge — disse o homem. — Mas, não, não estou com pressa. Estava apenas preocupado com a possibilidade de que você não conseguisse embarcar.

— Muita gentileza sua.

O avião ainda estava parado na pista, inquieto, com as turbinas pulsando, ansioso para decolar.

— Gentileza o cacete — disse o homem de terno claro. — Tenho um trabalho para você, Shadow.

As turbinas rugiram. O pequeno avião deu um tranco para a frente e começou a decolar, pressionando o corpo de Shadow contra o assento. Depois de um tempo, estavam no ar, e as luzes do aeroporto começaram a sumir embaixo deles. Shadow olhou para o homem a seu lado.

O cabelo era de um ruivo meio grisalho; a barba, por fazer, era de um grisalho meio ruivo. Era mais baixo do que Shadow, mas parecia ocupar muito espaço. Um rosto enrugado e quadrado, com olhos cinza-claros. O terno parecia caro e tinha cor de sorvete de baunilha derretido. A gravata era de seda cinza-escura, e o prendedor era uma árvore de prata: tronco, galhos, raízes profundas.

O homem ficou com o copo de Jack Daniel's na mão durante a decolagem e não derramou uma gota sequer.

— Você não vai me perguntar qual é o trabalho?

— Como sabe meu nome?

O homem deu uma risada.

— Ah, é a coisa mais fácil do mundo saber como as pessoas se chamam. Um pouco de raciocínio, um pouco de sorte, um pouco de memória. Pergunte qual é o trabalho.

— Não — disse Shadow.

A comissária trouxe outro copo de cerveja, e ele tomou um gole.

— Por que não?

— Estou indo para casa. Tenho um trabalho à minha espera por lá. Não quero nenhum outro.

O sorriso enrugado do homem continuou o mesmo, mas ele agora parecia realmente achar graça.

— Você não tem nenhum trabalho à sua espera em casa — disse o homem. — Não tem nada à sua espera lá. Por outro lado, estou lhe oferecendo um trabalho perfeitamente lícito: paga bem, segurança limitada, benefícios indiretos consideráveis. Ora, se você viver o bastante, posso incluir até um plano de aposentadoria. Acha que gostaria de um desses?

— Você deve ter visto meu nome no cartão de embarque — sugeriu Shadow. — Ou na lateral da minha bolsa.

O homem não respondeu.

— Quem quer que você seja — disse Shadow —, seria impossível saber que eu estaria neste avião. Nem eu sabia que estaria aqui, e, se meu voo não tivesse sido desviado para St. Louis, não estaria mesmo. Acho que você é desses que gostam de fazer pegadinhas. Talvez esteja tentando aplicar um golpe. Mas acho que vai ser melhor para nós dois encerrarmos essa conversa agora.

O homem deu de ombros.

Shadow pegou a revista da companhia aérea. O avião sacudia no céu, e era difícil se concentrar. As palavras flutuavam pela mente como bolhas de sabão; existiam quando ele as lia e desapareciam logo em seguida.

O homem continuou no assento ao lado dele, tomando seu Jack Daniel's. Estava de olhos fechados.

Shadow leu a lista de canais de música disponíveis para voos internacionais e deu uma olhada no mapa-múndi, cujas linhas vermelhas indicavam onde a companhia aérea operava. Finalmente terminou a leitura e, com relutância, fechou a revista e a devolveu ao compartimento ao lado.

O homem abriu os olhos. Shadow achou que havia algo estranho neles. Um era de um tom de cinza mais escuro que o outro. Ele se virou para Shadow.

— Aliás, lamento por sua esposa. Uma perda terrível.

Shadow quase bateu no homem. Mas respirou fundo. (“Como eu disse, não irrite as vadias dos aeroportos”, lembrou Johnnie Larch, num recanto de sua mente, “ou você vai ser arrastado de volta pra cá antes de ter o gostinho da liberdade.”) Contou até cinco.

— Também acho — disse Shadow.

O homem balançou a cabeça.

— Não era para ter sido assim... — comentou, suspirando.

— Ela morreu em um acidente de carro — retrucou Shadow. — Foi rápido. Há formas piores de morrer.

O homem balançou a cabeça devagar. Por um instante, Shadow teve a impressão de que ele não existia; como se, de repente, o avião tivesse se tornado mais real, enquanto seu vizinho tivesse se tornado menos.

— Shadow — recomeçou o homem. — Não é pegadinha. Não é um golpe. Eu posso pagar melhor do que qualquer outro emprego que você encontrar. Você é um ex-presidiário. Não vai ter uma fila de gente brigando para contratá-lo.

— Senhor Qualquer-que-seja-a-porra-do-seu-nome — disse Shadow, alto o bastante para ser ouvido acima do barulho das turbinas —, não tem dinheiro nenhum no mundo que me faça trabalhar para você.

O sorriso aumentou. Shadow de repente se lembrou de um programa educativo que vira na adolescência sobre chimpanzés. O narrador explicou que, quando macacos e chimpanzés sorriem, é para expor os dentes em uma careta de ódio, agressão ou terror. Quando um chimpanzé sorri, é uma ameaça. O sorriso do homem era um desses.

— Claro que tem. E também tem bônus. Se você trabalhar para mim, eu vou lhe contar coisas. Pode ser um pouco arriscado, óbvio, mas, se sobreviver, poderá ter tudo o que seu coração desejar. Você poderia ser o próximo rei dos Estados Unidos. Agora, me diga, quem mais pagaria tão bem? Hein?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Ah, sim. A era da informação... Mocinha, você poderia me servir mais um copo de Jack Daniel's? Com menos gelo, se possível. Não, claro, nunca houve nenhuma outra era. Informação e conhecimento: moedas que nunca saíram de circulação.

— Eu perguntei: quem é você?

— Vejamos. Bom, considerando que hoje certamente é o meu dia, que tal você me chamar de Wednesday? Senhor Wednesday. Se bem que, com esse tempo lá fora, bem podia ser Thursday, né?

— Qual é seu nome de verdade?

— Trabalhe para mim por tempo suficiente e bem o suficiente — assegurou o homem de terno claro —, e talvez eu até lhe diga. Pronto. Proposta de emprego. Pense no assunto. Ninguém espera que você aceite imediatamente, sem saber se está se jogando num tanque cheio de piranhas ou num fosso cheio de ursos. Pense com calma.

Ele fechou os olhos e se recostou no assento.

— Acho que não — disse Shadow. — Não gosto de você. Não quero trabalhar com você.

— Como eu disse — respondeu o homem, sem abrir os olhos —, não se afobe. Pense com calma.

O avião aterrissou com um solavanco, e alguns passageiros foram jogados para a frente. Shadow olhou para fora da janela: era um aeroporto pequeno no meio do nada, e ainda faltavam dois aeroportos pequenos até chegar a Eagle Point. Shadow dirigiu o olhar para o homem de terno claro. Sr. Wednesday? Ele parecia estar dormindo.

Shadow se levantou, pegou a bolsa e saiu do avião. Desceu a escada até a pista úmida e escorregadia e caminhou tranquilamente na direção das luzes do terminal. Uma chuva fina salpicava seu rosto.

Antes de entrar no aeroporto, ele parou, deu meia-volta e aguardou. Ninguém mais saiu do avião. A equipe de solo retirou a escada, a porta se fechou, e o avião voltou para a pista. Shadow ficou observando até a aeronave decolar e entrou no aeroporto. Foi até o balcão da Budget, a única locadora de carros aberta, e, ao chegar ao estacionamento, constatou que o único veículo disponível era um Toyota vermelho pequeno.

Shadow abriu sobre o banco do carona o mapa que tinha recebido. Eagle Point ficava a uns quatrocentos quilômetros de distância, e teria que passar por rodovias na maior parte do trajeto. Fazia três anos que ele não dirigia.

Não chovia mais, se é que as tempestades haviam chegado até ali. O tempo estava limpo, e fazia frio. As nuvens deslizavam por cima da lua, e por um instante Shadow se perguntou se o que estava se movendo eram as nuvens ou a lua.

Dirigi para o norte durante uma hora e meia.

Estava ficando tarde. Ele estava com fome e, quando se deu conta do tamanho da fome, pegou a saída seguinte e entrou na cidade de Nottamun (1301 hab.). Abasteceu o carro no posto Amoco e perguntou à mulher entediada no caixa onde ficava o melhor bar da região — um lugar onde ele pudesse arranjar algo para comer.

— Jack's Crocodile Bar — respondeu ela. — Vá pela estrada N no sentido oeste.

— Crocodile Bar?

— É. Jack diz que dá personalidade. — Ela rabiscou um mapa no verso de um panfleto lilás, que anunciava um churrasco para arrecadar dinheiro para uma menina que precisava de um transplante de rim. — Ele tem uns crocodilos, uma cobra, um daqueles lagartos grandes.

— Uma iguana?

— Isso aí.

Ele atravessou a cidade, cruzou uma ponte, seguiu por alguns quilômetros e parou diante de um edifício térreo retangular com um letreiro luminoso da Pabst e uma máquina de Coca-Cola do lado da porta.

O estacionamento estava meio vazio. Shadow estacionou o Toyota vermelho e entrou.

O ar estava cheio de fumaça, e o jukebox tocava “Walkin’ After Midnight”. Shadow procurou os crocodilos, mas não viu nenhum. Ficou se perguntando se a mulher no posto de gasolina estava debochando dele.

— O que vai ser? — perguntou o barman.

— Você é o Jack?

— Hoje é a folga dele. Eu sou Paul.

— Oi, Paul. Uma cerveja da casa e um hambúrguer completo. Sem batata frita.

— Quer uma tigela de chili de entrada? É o melhor chili do estado.

— Pode ser. Onde é o banheiro?

O homem apontou para o canto do bar. Havia uma cabeça de jacaré empalhada pendurada numa porta. Shadow entrou.

Era um banheiro limpo e bem iluminado. Shadow deu uma olhada no lugar antes, por força do hábito. (“Não esqueça que não dá para revidar no meio de uma mijada”, disse Low Key, discreto como sempre, de um recanto de sua mente.) Foi até o mictório da esquerda. Abriu o zíper e mijou por uma eternidade, relaxando, aliviando-se. Leu o recorte de jornal amarelado colocado na altura dos olhos, com uma foto de Jack e dois jacarés.

Um grunhido educado soou no mictório a sua direita, embora Shadow não tivesse ouvido ninguém entrar no banheiro.

O homem de terno claro era mais alto de pé do que parecia quando estava sentado no avião a seu lado. Era quase da mesma altura de Shadow, e Shadow era grande. O homem olhava para a frente. Terminou de mijar, deu uma balançada e fechou o zíper.

Depois, sorriu, como uma hiena comendo carcaça.

— Então — disse o sr. Wednesday. — Você já teve tempo para pensar, Shadow. Quer o trabalho?

“*DEUSES AMERICANOS* É, NA VERDADE, UMA HISTÓRIA SOBRE A ALMA DOS ESTADOS UNIDOS. SOBRE O QUE AS PESSOAS LEVARAM PARA LÁ; SOBRE O QUE ACHARAM LÁ QUANDO CHEGARAM; E SOBRE AS COISAS QUE FICARAM ADORMECIDAS DEBAIXO DE TUDO ISSO.”

NEIL GAIMAN

Depois de três anos atrás das grades, o momento pelo qual Shadow tanto esperou se aproxima. Logo ele retornará para casa e para a esposa, pronto para começar uma nova vida. No entanto, poucos dias antes de ser liberado, a vida de Shadow sofre mais uma reviravolta. Sem lar e sem rumo, ele aceita trabalhar para um homem enigmático chamado Wednesday. Trapaceiro e traiçoeiro, Wednesday parece saber mais sobre Shadow do que ele próprio. Os dois embarcam em uma viagem sombria e estranha pelos recantos dos Estados Unidos em busca de aliados para uma guerra entre deuses velhos e novos — uma guerra pelo poder de não ser esquecido. Ao longo do caminho, Shadow descobre que seu destino pode estar mais interligado ao dos deuses do que ele imaginava.

Mitologia, magia e mistério se juntam nesta narrativa profunda e poética que mostra por que Neil Gaiman é um dos autores mais versáteis e aclamados da atualidade.

DEUSES AMERICANOS FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 2001 E SE TORNOU UM CLÁSSICO. ESTA EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR INCLUI CAPÍTULOS EXPANDIDOS, UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM NEIL GAIMAN E UM INSPIRADO TEXTO DE INTRODUÇÃO.

“Uma jornada mágica e misteriosa pelas mais diversas mitologias e culturas; uma história de amor única e comovente e mais um sucesso do fenomenal Neil Gaiman.”

Kirkus Reviews

“Com um humor cheio de malícias e personagens intensos, *Deuses americanos* é um fascinante retrato do espírito dos Estados Unidos.”

VOYA

“Um suspense espetacular com um final ao mesmo tempo surpreendente e plausível, permeado por uma escrita perspicaz e minuciosa.”

Salon



www.intrinseca.com.br